

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº116 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VIII

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

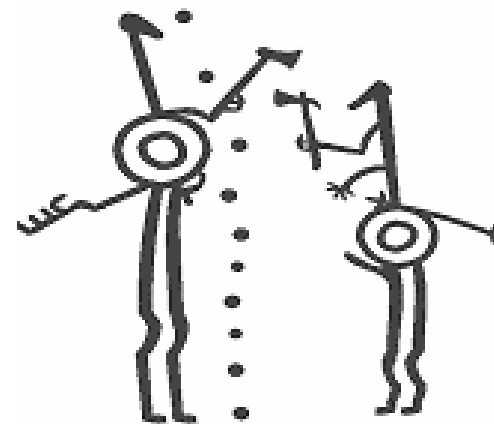
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

116



METODOLOGIA DA HISTÓRIA

ALBERTO LINS CALDAS



"... cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz 'o que realmente aconteceu' ..." Peter Burke

Este é um texto estritamente heurístico: sua função deve se esgotar "na sala de aula". Sua meta é reunir determinadas "experiências" para discussão e estímulo à pesquisa em História. Seu âmbito é restrito e aberto exatamente para permitir os desdobramentos da individualidade na pesquisa historiográfica e os debates em sala de aula. Suprindo deficiências, não sendo "usado", não se tornando "manual": sua forma de existência é de instigamento e estímulo preliminares. Suas incompletudes e erros devem estimular, na prática do debate e na pesquisa, um processo de "resposta" ativa e criativa.

O PROJETO

O projeto é rascunho inicial de pretensões, intuições, articulações imprevistas, desejos, paixões. Não é "modelo", devendo se apresentar preliminarmente como imaginação seduzida, espaço de devaneio que se ajusta para agir, para se pôr a criar ou arrebanhar seu "objeto de desejo". O momento inicial, o que levará ao projeto, não é nem deve ser acadêmico: ele é pessoal, é obsessão, escolha, dúvida, querer saber, não saber, um querer completar, o desenvolvimento de um "quadro de questionamentos" que precisam se corporificar num primeiro esboço. Esse esboço é o projeto: guia no caminho inicial, jamais algo a ser realizado em sua plenitude, algo que force os documentos, a escrita, a ação ou o pensamento na pesquisa. O projeto é condensação de princípios não "planilha de execuções", uma "delimitação de objeto" e uma "definição de direção".

Esboçaremos aqui um "modelo de projeto", idéias esparsas, bases, estímulos. Dele podemos fazer quantas modificações for preciso, acrescentando, retirando, refazendo ao gosto do desejo e da matéria, e à cada *matéria* um projeto específico.

Na *Justificativa* desenvolve-se *por que se pretende realizar a pesquisa*. Busca-se falar do "problema", da "idéia", da "imagem" que conduziram ao projeto que se pretende realizar e onde (na bibliografia, na vida, no sonho, no desejo e porquê) se originou o problema central do trabalho. Também se fala sobre a relevância da pesquisa e inicia sua defesa numa explicação dos motivos de viabilidade da execução, as referências à originalidade e, principalmente, relacionar em grandes linhas os marcos teóricos com o tema. Os Objetivos apontam com o para que da investigação, com o que se quer pesquisar, definindo os problemas, devendo-se, nesse momento, se inter-relacionar intimamente com o tema da pesquisa. No Quadro Teórico delimita-se a série de marcos teóricos que sustentam a pesquisa, situando-a dentro do campo teórico principal. Na Metodologia desenvolve-se a

metodologia geral, nascida dos quadros teóricos e dos problemas específicos do assunto, relacionando essa metodologia geral com uma metodologia específica (procedimentos) gerados a partir do tema ou da área de conhecimento. Mas deve-se lembrar que um projeto de História não deve ter Hipóteses (que não são questões ou problemas mas um tipo de visão de mundo), o que seria reposicionar o conhecimento para um tempo onde se queria prever, materializar, objetificar tanto os documentos quanto a atividade do historiador.

Podemos também desenvolver uma parte de *Recursos Financeiros e Humanos*, onde se põe *as despesas, os financiamentos e as necessidades com material*, e até mesmo a *quantidade de pessoal para realização da pesquisa*, mas isso em casos muito específicos, principalmente quando envolve projeto institucional com bolsa, relatório, etc, o que exigiria também um *Cronograma*, que é *estrutura temporal geral da pesquisa: princípio e fim*, uma *estimativa das ações no tempo*, as *etapas a serem seguidas numa seqüência lógica*. A *Bibliografia* deve pôr, num mesmo conjunto, *textos específicos sobre o tema tratado*, *textos gerais onde se desenvolve o tema e seus correlatos imediatos*, *textos gerais da fundamentação teórica*, demonstrando conhecimento e leitura tanto sobre a questão quanto daquilo que a envolve. A desenvoltura bibliográfica é fundamental em todo o processo de pesquisa.

MÉTODO

Toda pesquisa flui em contradições. Deve-se assumir estão as contradições como componentes da existência, do pensamento, das teorias, dos conceitos, das idéias e, principalmente, do pensamento histórico. Os elementos contraditórios devem ser compreendidos e enfrentados, não anulados ou afastados. Os elementos contraditórios, os conjuntos contraditórios não exigem mediações lógicas para se restabelecer numa harmonia falsa. O sistema será compreensível mesmo sem as mediações forçadas, sejam pelas teorias sejam pelo estilo inconsciente de si mesmo. As contradições não devem ser expurgadas, "superadas" ou pensadas separadamente: elas nascem da relação, da dialogicidade geral. Uma pretensa pureza esconde as fissuras, as incomunicabilidades, as imperfeições necessárias ao entendimento. As contradições pedem somente a não-conciliação para se mostrarem vivas. Não há a-realidade e suas-contradições, mas contradições criadas enquanto realidade, contradições históricas.

A pesquisa deve se apropriar em pormenor da *matéria*, criando tanto as relações internas quanto os próprios elementos e a relação dialética dos elementos entre si. Após a investigação (análise) vem a exposição, que é sintética, modo de narrar, sem esquecer que a análise é também processo sintetizante. A análise atinge os elementos e a exposição (síntese e estilo) reconstitui a estrutura.

Cada mediação e configuração têm as suas contradições, deformações e historicidades peculiares. Portanto o método deve subordinar-se ao conteúdo, à matéria em estudo, à vontade, critério e criatividade do historiador.

Depois que a análise cria os elementos mais simples, os conceitos, as realidades mais elementares, não pode a pesquisa ficar satisfeita e parar. O nível analítico comporta tipos de "reconstrução sintética" que, falsamente, criam a ilusão de haver-se chegado ao final. A análise é apenas um dos primeiros momentos

da pesquisa. Em seguida é preciso percorrer o caminho em sentido contrário. Do simples ao complexo e do complexo ao simples. Cada elemento é "revisto" pelo conjunto enquanto o fundamenta.

A matéria é exposta a partir dos seus elementos, compreendidos como complexos, ricos em facetas, múltiplos em determinações, contradição sobre contradição, polifonia em processo. Dessa maneira, a matéria historiográfica só pode resultar da análise crítica e criativa de uma escritura. Assim como a realidade é o sonho-real de determinada sociedade, a história é o sonho do método, o sonho da História.

Desta maneira, o método não é neutro, mas crítico, político, totalizador, histórico, vivo, negativo, pessoal, devendo ser constantemente renovado e desenvolvido, sem se tornar saber somente instituído, sem se tornar estrutura estável.

É preciso também uma auto-avaliação do historiador com relação a sua posição de classe, sua função social, o lugar da sua fala e com qual sistema de poder sua fala se compromete, suas metas teóricas e uma consciência que o capacite a compreender a geração de homens, coisas e idéias na sua formação social: isso normalmente "escapa" aos "professores de história", abismados na reprodução banal e ideológica (periculosa) dos acontecimentos.

O método não é analítico ou sintético, indutivo ou dedutivo. Superação desses componentes numa perspectiva crítica, onde um se converte no outro, na própria realidade, no historiador, no seu contrário, num limite e num deslimite, criação/invenção, o método como eterna superação de si mesmo, sonho desta realidade.

A historicidade (resultado da escrita) deve comungar com a literatura a abertura infinita das interpretações e dos sentidos. A relação sujeito (historiador) objeto (documentos) não é relação simples, principalmente porque os "objetos" parecem autônomos, reais mais que o real: sua dimensão de resultante da práxis e dimensão imaginária desaparecem. Os documentos possuem astúcias: não são objetos, como algo "dado naturalmente": os documentos são "sujeitos". Por outro lado, o historiador, sujeito, deve avaliar sua condição de "objeto" e a própria objetificação.

Os documentos não falam por "si mesmos". Além de serem "testemunhos", são "escolhidos" pelo pesquisador por interesses do presente e não por "algo" "no" e "para" o passado: sua existência é somente relacional: aos discursos, aos saberes, ao pesquisador, aos procedimentos.

Somente o confronto, o diálogo entre o historiador e os documentos (luta de mundos, concepções, tempos, realidades, eixos) é que realiza e supera a teoria, o método, os procedimentos. Nada substitui essa luta, onde interpretação e realidade se digladiam, se estimulam, se delimitam, se criam, florescem, explodem ou morrem. Os documentos não são inocentes: eles fazem parte da rede seletiva que os fez existir e se perpetuar: todo documento é político: sua língua é ideológica e sua matéria é ficcional, sua razão é disciplinar.

História é diálogo, é reflexão, é negatividade. É selecionar determinando quais documentos são relevantes à pesquisa e os que não são, mas é a criação do historiador e a realidade em estudo os elementos que definirão esses cortes, não teorias pré-concebidas ou aspectos incontroláveis de métodos e procedimentos.

A PESQUISA

1 - O "levantamento bibliográfico" é ação inespecífica, isto é, foi atividade que levou ao assunto, ao tema, ao desejo e, ao mesmo tempo, acompanha a produção geral da pesquisa, fazendo parte da sedução e não das obrigações ou das regras. Seu lugar não é nem pode ser definido;

2 - A pesquisa é, inicialmente, um procurar, um produzir, um preparar, um reunir a documentação num processo de "viver o assunto", encontrar o desejado, vivendo o risco do encontro, do fragmento e das perdas, mas a *história* não é encontrada, ela será produzida, escrita, inscrita: sua dimensão de existência é um *a priori*;

3 - A organização da documentação é fundamental (por pessoa, instituição, época, assunto, região, etc): sem esse ordenamento constitutivo toda a pesquisa pode desmoronar, mas essa ordem é documental, instrumental, não "ontológica";

4 - Ler e reler exaustivamente a documentação como um todo, selecionando os documentos que irão fazer parte do corpus (já exige uma visão de conjunto, uma pré-ideação e uma idéia de história, de texto final);

5 - *Cozinhar* os documentos (eles não são comidos crus: são transformados em notas, fichas, resenhas, comentários, artigos, fragmentos, imagens): intimidade progressiva e julgamento dos documentos: articulações e desarticulações;

6 - Crítica das fontes (exige leituras mais vastas: a História é um domínio múltiplo): a) crítica externa (de autenticidade): verifica o valor extrínseco do documento. É uma perícia material do documento. Como o documento foi produzido; quem redigiu o documento; em que momento se redige o documento; para qual destinatário; sob que forma se apresenta; como chegou até os que o detêm; qual discurso elabora; questões de letra, suportes, escrita, etc; b) crítica interna: é uma hermenêutica buscando saber as intenções de fundo do documento;

7 - Procedimentos críticos: a) análise do documento: atomização de seus elementos (avaliação psicológica, social, econômica, institucional dos elementos do documento); b) controle das fontes do documento (se observado pelo narrador ou se contado a ele por outro): foco narrativo; c) comparação dos documentos e dos elementos internos;

8 - O historiador é prisioneiro dos quadros teóricos de referência, da sua classe social, da posição política, dos discursos envolvidos, dos métodos escolhidos: um dos movimentos teóricos será tomar consciência dessas "referências" e não projeta-las inocentemente sobre sua escrita, como se fizessem parte da "realidade histórica";

9 - Comparar, reagrupar, afastar, extrapolar, selecionar, solicitar, torcer a documentação em busca de respostas às perguntas e questionamentos: a "natureza discursiva" dos documentos exige um mergulho "lingüístico", não a espera por um "encontro": ali nada existe: ali é o lugar da nossa criação;

10 - Construir um "modelo", uma "idéia", uma "imagem" do conjunto documental (história, trama, narrativa): primeiro passo da escrita: constituir uma visão de conjunto provisória, pois será modificada pela escrita: isso advirá das leituras e da feitura das fichas, notas, textos;

11 - Com as notas, os resumos, as fichas, as resenhas iniciar a escrita buscando realizar a "visão de conjunto" passo a passo, como se escrevesse um texto literário (um conto, uma novela, um romance: *história* é ficção: perder essa dimensão é meio caminho andado para uma ideologia deslavada), compondo os

personagens em seus lugares, escrevendo sua psicologia, seus embates, suas idéias, suas razões, suas ações, suas relações, criando o ambiente, o lugar, o espaço de vida onde se desenrolará a história;

12 - Com-pondo as vozes enquanto carne a escrita da História materializa teatralmente numa simbiose onde as vozes compostas e as vozes do historiador se articulam inseparáveis;

13 - Articular o desarticulado, separar o unido, perguntar ao informe, fazer mover o imóvel, imaginar nos vazios, perguntar aos silêncios, reviver os mortos, dar corpo e movimento aos vestígios, dizer mais e sempre muito menos que o vivido;

14 - O método geral tanto da feitura de notas e fichas quanto da escrita do texto é um ir e vir constantes: das perguntas ao documento e do documento às perguntas: dos documentos à escrita e da escrita aos documentos.

NOTAS SOBRE HISTÓRIA

1 - O *vivendo* (o imediato do presente) desaparece na medida do seu acontecer, sendo impossível apreendê-lo tanto em sua totalidade quanto em suas relações; o viver deixa *vestígios* (documentos), mas esses *vestígios* só se tornam documentos depois de raptados por discursos que lhe dão não somente visibilidade (não existem vestígios-em-si) mas sentido e estrutura; o historiador (com todas as questões do *sujeito*) irá transformar os vestígios em documentos para a História, isto é, lhe dará uma dimensão dentro do conhecimento, trabalhando para constituir sua existência estruturada e significativa; o resultado desse trabalho, dessa escrita que é a História (atividade que produz a *história*) é chamada *fato* (que a "história de segundo grau" acredita ser-o-que-aconteceu). A *História* produz a *história*: dimensões fundamentais: escrita e ideologia.

2 - Separar o "discurso dos historiadores" da questão *passado*. Enquanto o primeiro se liga aos conceitos de *discurso, escrita, ideologia*, o segundo faz parte do ambiente ontológico junto com *tempo, presente, memória*.

3 - Dessa maneira, a *história* migra para a *História*, e esta deve enfrentar sua *produção*, as ilusões decorrentes dessa produção e os *poderes* advindos dessa construção enquanto ideologia (idéia, sistema de idéias que se pretende dizer-o-real, serem o próprio real).

4 - As questões próprias da História devem ceder o lugar a uma preocupação mais ampla, não a partir de um ponto cego no presente, mas uma articulação de "várias disciplinas" na reflexão-tempo.

5 - Partir da tese marxista de "que o objeto, a realidade, o mundo sensível" deve ser compreendido "enquanto atividade humana concreta": nos cabe agora pensar a forma de existência desse "mundo sensível", como ele é criado/reproduzido, como essa atividade concreta transformada em vestígios aparece ao historiador. "Objetivamente" (dimensão do imediato do presente) a *história* está inscrita somente na *História*, isto é, nos livros, na escrita, nos complexos imaginários que são o tempo. É preciso enfrentar esse "primeiro momento", essa dimensão de escrita, de imaginário; em segundo lugar a dimensão que a primeira

instância abre enquanto teoria e alienação das questões, ou materialização do teórico enquanto realidade. A primeira questão metodológica da História é a compreensão desses mecanismos, desses fluxos, dessas substituições: essa vontade obscura em ser Ciência.

6 - No imediato do presente não há *história* (a origem, o linear, o destino), mas o simples vivendo. A *história* (coletiva ou pessoal) só *aparece*, sempre enquanto discurso, com uma torção do imediato do presente, onde discursos (historiográfico, psicológico, sociológico, antropológico) se põe a se preencher com uma reflexão pós-morte. Essa reflexão é um simulacro daquilo que exercitamos vivamente para sermos no imediato do presente, isto é, o tempo.

7 - História é ou deve ser uma filosofia das realidades básicas e fundantes. Sua *matéria* é o tempo.

8 - A relação entre a Literatura e a História pode ser muito mais produtiva do que normalmente se espera. São duas dimensões da narrativa, mesmo que uma alardei sua ficcionalidade enquanto a outra esconda sua dimensão de criação literária. O contato poderia abrir para a História um arsenal moderno para sua escritura, trazendo estratégias literárias para o enfrentamento de uma realidade não mais compatível com "narrativas judiciárias e policiais" tornadas princípio historiográfico.

9 - A narrativa histórica esconde os vazios do viver, as incompletudes, os silêncios, as faltas, as repetições, as in-articulações, sua própria atividade escritural: o resultado é sempre muito mais e muito menos que o *vivendo*: faz parte da mesma matéria imaginária e ficcional da existência: a História, que poderia tocar o próprio centro do existir, se conforma com uma escrita alienada e ideológica.

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. **INTRODUÇÃO À HISTÓRIA**. Europa-América, Sintra, 1976.

BURKE, Peter (Org.). **A ESCRITA DA HISTÓRIA**. UNESP, São Paulo, 1992.

CALDAS, Alberto Lins. **HISTÓRIA E CIÊNCIA**. Boletim/Labogeo/UFRO, nº 1, setembro, Porto Velho, 1993a.

_____. **COMPREENSÃO HISTÓRICA**. Jornal O ESTADÃO, p. 2, Porto Velho, 29 de maio de 1993b.

_____. **HISTÓRIA E ESQUECIMENTO**. Jornal O ESTADÃO, p. 2, Porto Velho, 10 de julho de 1993c.

_____. **A INVENÇÃO DA HISTÓRIA**. Jornal O ESTADÃO, p. 2, Porto Velho, 12 de junho de 1993d.

_____. **HISTÓRIA E CAPITALISMO**. Jornal O ESTADÃO, p. 2, Porto Velho, 20 de junho de 1993e.

_____. **O ENSINO DE HISTÓRIA**. Caderno de Criação/UFRO, nº 6, março, Porto Velho, 1995a.

_____. **HISTÓRIA E MÉTODO**. Caderno de Criação/UFRO, nº 8, novembro, Porto Velho, 1995b.

_____. **O PAPEL SOCIAL DA HISTÓRIA**. Caderno de Criação/UFRO, nº 9, novembro, Porto Velho, 1995c.

_____. **O HORROR DA HISTÓRIA**. Caderno de Criação/UFRO, nº 9, novembro, Porto Velho, 1995d.

_____. **A CRIAÇÃO DA HISTÓRIA**. Caderno de Criação/UFRO, nº12, março, Porto Velho, 1997.

_____. **HISTÓRIA E VIRTUALIDADE**. Caderno de Criação/UFRO, nº18, junho, Porto Velho, 1999a.

_____. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA**. Loyola, São Paulo, 1999b.

_____. **NAS ÁGUAS DO TEXTO**. Edufro, Porto Velho, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA**. Brasiliense, São Paulo, 1981.

_____. **NARRATIVA, SENTIDO, HISTÓRIA**. Papirus, Campinas, 1997.

- _____. ; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **OS MÉTODOS DA HISTÓRIA**. Graal, Rio de Janeiro, 1983.
- _____. ; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **DOMÍNIOS DA HISTÓRIA: ENSAIOS DE TEORIA E METODOLOGIA**. Campus, Rio de Janeiro, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A ESCRITA DA HISTÓRIA**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2002.
- DOSSE, François. **A HISTÓRIA EM MIGALHAS**. Ensaio/Unicamp, São Paulo, 1992.
- ECO, Humberto. **COMO SE FAZ UMA TESE**. Perspectiva, São Paulo, 1985.
- FERNANDES, Florestan. **FUNDAMENTOS EMPÍRICOS DA EXPLICAÇÃO SOCIOLÓGICA**. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1978.
- FLEISCHER, Helmut. **CONCEPÇÃO MARXISTA DA HISTÓRIA**. Edições 70, Lisboa, 1978.
- GAY, Peter. **O ESTILO NA HISTÓRIA**. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- GLÉNISSON, Jean. **INICIAÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS**. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1961.
- JAPIASSU, Hilton. **INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO EPISTEMOLÓGICO**. Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **HISTÓRIA: NOVOS PROBLEMAS, NOVAS ABORDAGENS, NOVOS OBJETOS**. Francisco Alves, 3 vol., Rio de Janeiro, 1976.
- MARROU, Henri-Irénée. **SOBRE O CONHECIMENTO HISTÓRICO**. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
- REIS, Jose Carlos. **NOUVELLE HISTOIRE E TEMPO HISTÓRICO**. Ática, São Paulo, 1994.
- _____. **A HISTÓRIA: ENTRE A FILOSOFIA E A CIÊNCIA**. Ática, São Paulo, 1996.
- RODRIGUES, José Honório. **TEORIA DA HISTÓRIA DO BRASIL: INTRODUÇÃO METODOLÓGICA**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.
- _____. **FILOSOFIA E HISTÓRIA**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.
- SCHAFF, Adam. **HISTÓRIA E VERDADE**. Martins Fontes, São Paulo, 1978.
- VEYNE, Paul. **COMO SE ESCRIBE LA HISTORIA**. Editorial Fragua, Madrid, 1972.
- VIEIRA, Maria do Pilar (et al.). **A PESQUISA EM HISTÓRIA**. Ática, Série Princípios/159, São Paulo, 1989.
- WHITE, Hayden. **TRÓPICOS DO DISCURSO**. EDUSP, São Paulo, 1994.
- _____. **META-HISTÓRIA**. EDUSP, São Paulo, 1995.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*o pai ensinou a cortar
as pedras do invisível
a mãe a falar ao contrário*

*guardou nesse tempo
menos medo do escuro
que da caveira acesa
na palma aberta do irmão*

*havia tempos e tempos
por baixo das horas
sussurro de ratos
no mastigar do relógio
de sol*

CARLOS MOREIRA